

Economia, tanto mais se aprende mais se equivoca

Brasil

José Monir Nasser (*)



*P r o v a-
velmente
nunca se
discutiu tan-
to a econo-
mia em um
país como
no Brasil
contempo-
ráneo. Os debates públicos
que precederam à implan-
tação do Plano Cruzado são
inimagináveis em um país
como, por exemplo, os Es-
tados Unidos. Tanto mais
se discute, tanto mais se
aprende. E muito mais se
equivoca. Na verdade, o
pecado mais significativo
tem sido uma irremediável
confusão entre a geometria
do possível e a metafísica
do desejável.*

*Os publicitários (quase todos) aprendem a não co-
notar negativamente, isto
é, não acasalar o produto
com algum defeito ou situa-
ção negativa. Fazem isso
porque sabem que o ser hu-
mano é desiderativo por
natureza. Somos todos víti-
mas da Síndrome do Pa-
raíso Perdido: uma irre-
sistível compulsão à pros-
peridade sem trabalho, ao
sucesso sem esforço, ao
reinado pleno do desejável
em detrimento da calistêni-
ca do possível. E é justa-*

*mente por isso que se cai
nas mais singelas esparre-
las intelectuais quando se
trata de compreender a
economia do País.*

*O primeiro terreno pan-
tanoso é a compreensão da
dimensão da moeda. Nada
mais difícil. E preciso en-
tender que o instrumento
chamado dinheiro é acometi-
do de esquizofrenia funcio-
nal toda vez que a socie-
dade o destaca do lastro
chamado trabalho. O di-
nheiro enlouquece. Funcio-
na em torno de suas pró-
prias leis. Deixa de criar ri-
quezas. Não lubrifica mais
o sistema produtivo. Por
exemplo, o governo federal
conseguiu concentrar em si
toda a liquidez (leia-se di-
nheiro) da sociedade. A ci-
randa financeira é justa-
mente a maciça migração
da moeda para a LBC.*

*Dinheiro nada mais é que
uma espécie de cupom de
racionamento. Um instru-
mento de acesso ao estoque
de bens e serviços dis-
poníveis no mercado. É o
ingresso para o espetáculo.
Mas o teatro tem uma
quantidade finita de assen-
tos. Mesmo operando com
várias sessões. O que as
leis de mercado justamen-
te fazem é sinalizar o setor
produtivo para que acerte o
passo com o ritmo da de-*

*manda. E verdade, o mer-
cado pode claudicar, mas
invariavelmente claudica a
passo de valsa.*

*A revolta contra a exigüi-
dade de oferta — que tem a
perna mais curta que a de-
manda — leva o governo a
emitir, para cumprir sua
missão social ou resgatar a
dignidade social (sic, sic mes-
mo).*

*Pretere-se o esforço de
aumento da oferta via au-
mento da produtividade
econômica pela agradável
missão de distribuição de
balas. Tão agradável quan-
to inútil.*

*Desenvolvimento econô-
mico decorre da alta densi-
dade de inteligência por de-
cisão quadrada. É a remo-
ção da burrice, nas palavras de Milton Friedman.*

*A confusão mental que
reina no País — e, infeliz-
mente, em largos setores
da Constituinte — acaba
condensando uma série de
síndromes colaterais:*

*• A Síndrome do Decreto-
lei — Consiste na ilusão vo-
litiva que pretende estar a
solução para os problemas
da oferta no bolso do legis-
lador. E o abracadabra
jurídico usual de que, aliás,
a Constituinte promete ser
a Olímpiada.*

*• A Síndrome do Bode
Expiatório — Esta consiste*

*na manutenção do plantão
permanente da caça às
bruxas. A culpa deve estar
no mercado. Devem ser os
comerciantes, os pecuaris-
tas ou, provavelmente, os
banqueiros.*

*• A Síndrome da Pedra
Filosofal — É a alquimia
revisitada. Consiste na
ação sobre os efeitos para
obtenção da solução das
causas. A Sunab, por si só,
faz o pasto vicejar na ent-
ressafra e biotecnologicamente
duplica a competência
reprodutória das vacas.
Paracelso vive.*

*• A Síndrome de Robin
Hood — A mais constante,
sobre todo em Brasília, on-
de há a maior concentra-
ção de Robins por super-
quadra quadrada da Amé-
rica. Consiste na utilização
de leis para punir os ricos
(que são maus) e proteger
os pobres (que são bons),
esquecendo que não há capi-
talismo sem lucro nem
capitalismo sem capitalis-
tas. Também não há capi-
talismo com miséria. E, no
Brasil, onde há mais capi-
talismo menos miséria há.*

*• A Síndrome do Pinóquio —
Essa Consiste em con-
centrar o esforço de admi-
nistração da coisa pública
nas entradas das estatisti-
cas, já que a versão sem-
pre tem alta probabilidade*

*de prevalecer sobre os fa-
tos.*

*A sociedade brasileira
precisa entender que a so-
lução definitiva para os
graves problemas que a
aflige depende da aceita-
ção dos pressupostos efica-
zes. Retirar o homem da
miséria e a economia do
impasse depende direta-
mente do aumento da pro-
dutividade individual (que
se faz com escola e esfor-
ço), da contenção da natali-
dade, da diminuição drásti-
ca do Estado, do respeito
pela moeda, através da
contenção tipográfica.*

*O mundo material é mar-
cado pela escassez. Já foi
pior. Em nenhuma outra
época da humanidade o
globo terrestre poderia sus-
tentiar 5 bilhões de homens,
mesmo em condições pre-
cárias, como hoje.*

*O receituário para o com-
bate à escassez está na
aplicação da inteligência
ao trabalho humano.*

*Só a partir dessa consta-
tação fica o possível mais
possível ainda. A partir de
um cenário construtivo
dentro das possibilidades
do sistema podemos entre-
ver melhores dias. Se for
possível. Ainda.*

() Consultor de empresas
em Curitiba e ex-professor da
Universidade de Joinville.*